

## Halina Poświatowska: “Lustro” / “Espelho”

*Magdalena Nowinska*

Halina Poświatowska (1935, Częstochowa – 1967, Cracóvia) foi uma poeta polonesa da chamada “Geração 56”, denominação dada a uma geração de jovens autores da época. Rejeitando as prescrições temáticas e formais do Realismo Socialista, que, após a morte de Stálin em 1953, deixou de ser a única poética válida na Polônia, os autores da “Geração 56” celebravam em suas obras a subjetividade, até então não desejada na literatura.

Poświatowska estreou como poeta em 1956, publicando em jornais e também com a coletânea lírica *Hymn bałwochwalczy* (“Hino idolátrico”); é ainda autora de mais três coletâneas de poemas, além de uma narrativa autobiográfica. A sua vida foi marcada por uma grave doença no coração, que a forçou a frequentes estadias em hospitais. Poświatowska morreu em 1967, após uma das várias operações cardíacas às quais foi submetida.

“Lustro” é um poema da sua primeira coletânea lírica, *Hymn bałwochwalczy*. Sua poesia, uma espécie de “diário lírico” (Jarosiński 1996: 99) de sua existência, contrapõe um ávido desejo de viver e de amar a um pressentimento da morte inevitavelmente próxima. Nesse poema, encontram-se alguns dos motivos frequentes da sua poesia: amor e erotismo refletidos em uma experiência extática da natureza.

## Lustro

jestem zacządzona pięknem mojego ciała.  
patrzyłam dzisiaj na siebie twoimi oczyma. odkryłam  
miękkie zagięcie ramion znużoną okrągłość piersi które  
chcą spać i powoli na przekór sobie staczają się w dół.  
moje nogi rozchylające się oddające bezmiernie aż po  
krańce których nie ma to co jest mną i poza mną  
pulsuje w każdym liście w każdej kropli deszczu.  
widziałam się jak gdyby poprzez szkło w twoich oczach  
patrzących na mnie czułam twoje ręce na ciepłej napiętej  
skórze moich ud i posłuszna twojemu rozkazowi  
stałam naga naprzeciw wielkiego lustra. a potem  
zasłoniłam oczy twoje żeby nie widzieć i nie czuć  
samotności mojego rozkwitłego tobą ciała.

## **Espelho**

sufoca-me a beleza do meu corpo.  
mirei-me hoje a mim mesma com seus olhos. descobri  
a meiga curva dos ombros a cansada redondez dos seios que  
querem dormir e devagar apesar de si mesmos rolam para baixo.  
minhas pernas entreabrindo-se entregando à desmedida até  
limites que não existem aquilo que é eu e que fora de mim  
pulsa em cada folha em cada gota de chuva.  
vi-me como através de vidro em seus olhos  
mirando me senti suas mãos na cálida tesa  
pele das minhas coxas e obediente a sua ordem  
permaneci nua defronte ao vasto espelho. depois  
cobri seus olhos para não ver e não sentir  
a solidão do meu corpo desabrochado por você.

## **Sobre a tradução**

O poema "Lustro" move-se, formal e semanticamente, entre os polos melancolia e êxtase. Escrito em versos livres, sem rimas e em linguagem direta (chamada pela poeta em outro poema, por isso, de "língua bárbara"), o poema é caracterizado por uma divisão simétrica, uma espécie de reflexo num espelho, constituída pelo verso central (verso 7) do poema. O primeiro e o último verso, ambos delimitados pela palavra "ciało", corpo, refletem, através do verso central, as duas tonalidades principais do poema: enquanto o primeiro verso trata do aspecto extático, a beleza ("piękność"), o último refere-se à melancolia da solidão ("samotność"). Os verbos atribuídos a esses termos, por sua vez, refletem ambos a ambiguidade do poema. No primeiro verso, a persona do poema sente-se

Magdalena Nowinska. *Halina Poświatowska: "Lustro" / "Espelho"*

"zaczadzona", envenenada ou atordoada (o termo pode significar as duas coisas) por gases tóxicos (o verbo deriva do substantivo "czad", monóxido de carbono). Na gíria dos anos 50 na Polônia, o termo usado em um contexto cotidiano tendia mais para o sentido extático; às vezes, porém, o êxtase leva a uma sensação de sufocamento. O particípio do último verso também revela ambiguidade: o corpo desabrochado, "rozkwitłe ciało" indica, do ponto de vista de uma disposição melancólica, o início do esmorecimento do corpo.

O verso central marca a mudança de tonalidades da linguagem dentro do poema. O eu-lírico, uma mulher, mira-se com os olhos de um outro, um "você". A sensação de admiração leva a voz ao êxtase, o corpo parece-lhe dissolver-se na natureza. A linguagem acompanha isso dissolvendo-se gramaticalmente, nos versos 5-6, para depois, nos versos seguintes, retornar, em uma espécie de despertar, a uma dicção mais calma, mais abatida. Tentei reproduzir essa mudança – da êxtase auto-erótica para a melancolia da solidão – na minha tradução.

#### Referências:

"Lustro", in: Poświatowska, Halina, *właśnie kocham / indeed I love*, selected and translated by Maya Peretz, afterword by Anna Nasiłowska, Kraków: Wydawnictwo Literackie 1997, p. 42.

Jarosiński, Zbigniew (1996) *Literatura lat 1945-1975*, Warszawa: Wydawnictwo Naukowe PWN.